

Apresentação

*Luci Banks - Leite**

Inúmeros estudos têm sido empreendidos na perspectiva histórico-cultural em Psicologia nestes últimos anos, como bem atestam as publicações de livros e artigos em periódicos, assim como os trabalhos apresentados em congressos nacionais e internacionais que buscam se basear nos pressupostos dessa linha de pesquisa e / ou abordam temas caros aos que são considerados fundadores dessa corrente: Vygotski¹, Luria, Leontiev e Bakhtin.

Nesse sentido, vale lembrar que o Grupo de Pesquisa *Pensamento e Linguagem* (GPPL) se constituiu nos finais da década de 80 na Faculdade de Educação-Unicamp, tendo como principal objetivo a realização de estudos e pesquisas a partir do referencial teórico histórico-cultural. Inspirando-se nos trabalhos desses autores, publicou, pela primeira vez em 1991, uma coletânea de textos com estudos elaborados pelos membros do grupo e por pesquisadores de outras unidades da Unicamp². Desde então, surgiram outras publicações conjuntas, para divulgar resultados de trabalhos recentes, buscando discutir e aprofundar idéias desses notáveis pensadores, em diálogo contínuo com contribuições de estudiosos de outros campos e outras perspectivas de trabalho.

Prosseguindo nessa tarefa, o dossiê *Temas e tendências na perspectiva histórico-cultural* organizado pela Profa. Dra. Ana Luiza Bustamante Smolka, coordenadora do GPPL, congrega textos representativos das pesquisas realizadas pelos que trabalham atualmente nesse quadro teórico, não apenas no Brasil, mas em outros países. Os participantes convidados são nomes já bastante conhecidos entre nós: além da organizadora, uma das primeiras pesquisadoras a explorar, em nosso meio, as possibilidades abertas por essa perspectiva teórica, alguns autores dos trabalhos ora apresentados participaram como membros efetivos e plenos do GPPL durante um período mais ou menos longo; é o caso de Angel Pino (UNIVALI/SC) e de

* Professora do Departamento de Psicologia Educacional da FE Unicamp. Membro do GPPL – Grupo de Pesquisa *Pensamento e Linguagem* – e da Comissão Editorial desta revista.

1. O nome do psicólogo soviético aparece com inúmeras grafias e, por isso, decidimos respeitar a utilizada por cada um dos autores que participam deste dossiê.
2. Caderno do CEDES, n. 24, 1991. *Pensamento e Linguagem – estudos na perspectiva da psicologia soviética*.

Maria Cecília R. de Góes (UNIMEP), bem como o de Maria Nazaré da Cruz (UNIMEP), que realizou sua tese de doutoramento no seio dessa equipe. Outros autores são bem conhecidos entre nós: Marta Kohl de Oliveira e Teresa Cristina Rego, há muitos anos trabalhando nessa perspectiva, e Julio Groppa Aquino, novo e instigante interlocutor nessa área, todos da FEUSP, e Angela Uchoa Branco, professora da UnB. E, para completar este dossiê, contamos também com a valiosa contribuição de professores estrangeiros: David Middleton e Steven Brown (Universidade de Loughborough – Inglaterra) e Yves Clot (CNAM – Conservatoire National des Arts et Métiers – Paris – França). Embora os trabalhos de Middleton e Clot sejam conhecidos há tempos em nosso meio acadêmico, o GPPL teve o prazer de recebê-los como professores convidados em nossa Faculdade, no primeiro semestre deste ano. Ainda que por um breve período, pudemos usufruir de um estreito, renovador e frutuoso convívio com esses dois renomados pesquisadores, que participaram intensamente de atividades de ensino e pesquisa abertas aos alunos e professores da FE e de outras instituições do País.

Os variados textos que compõem este dossiê testemunham o vigor de idéias que foram sendo elaboradas desde as primeiras décadas do século passado e fornecem algumas pistas para entendermos as razões do interesse que despertam os estudos realizados nessa perspectiva em profissionais de diferentes áreas e, em particular, nos que atuam no campo educacional.

Sem nos determos nos detalhes de cada texto, vemos algumas idéias defendidas e discutidas pelos autores que, em sua maioria, trabalham no campo da Psicologia e da Educação. Cabe assinalar aspectos comuns que surgem em meio à diversidade de temas e abordagens, bem como salientar suas diferenças.

Yves Clot é psicólogo, professor da cadeira de Psicologia do Trabalho, e no seu texto, transcrição de uma conferência, apresenta idéias gerais de Vygotski (*Vygotski: para além de uma Psicologia Cognitiva*). Defende o ponto de vista de que o grande pesquisador russo não procurou elaborar uma Psicologia Cognitiva³, embora muitos dos problemas referentes à percepção, à memória, à atenção, aos processos de pensamento e sua relação com a linguagem e a consciência viessem a ser tratados no âmbito dessa área da psicologia; Vygotski buscou ir além das questões que animam esse terreno, abordando outras muitas como, por exemplo, as emoções, os afetos, os conflitos, além de problematizar aspectos fundamentais do indivíduo, referentes ao inconsciente e à psicologia da arte. Vygotski tampouco procurou criar uma sub-área da Psicologia em que os temas tradicionais receberiam um novo tratamento que poderia ser denominado *sociocultural* e que se situaria ao lado de outras perspectivas; ainda, segundo Clot, Vygotski não desejou realizar

3. J. Bruner, na década de 80, considerava Vygotski como um psicólogo cognitivo *avant la lettre* (CARRETERRO; MADRUGA, 1983, p. 155-175).

um trabalho em Psicologia do Desenvolvimento, embora muitos de seus textos abordem questões em um enfoque ontogenético e, por conseguinte, procurem discutir a origem e o desenvolvimento de funções psicológicas, sobretudo as chamadas funções mentais superiores. De fato, se é bem verdade que os temas tratados por ele mantêm uma estreita relação com diferentes campos da Psicologia, seu trabalho não se situa em nenhuma dessas áreas específicas. Seu objetivo foi, segundo Clot, elaborar uma *psicologia geral*, abrindo espaço para abordar os problemas discutidos pela então psicologia nascente a partir de pressupostos, levantamento de questões, formas de realizar pesquisa e métodos originais. Decorre dessa posição a proposta de Clot – na qual predomina uma certa visão “ortopédica” de sua contribuição – de realizar um trabalho de “limpeza” ou depuração da leitura que se costuma efetuar dos trabalhos de Vygotski, principalmente ao se enfatizar o conceito quase-metafórico de *zona de desenvolvimento proximal* ou *potencial*.

Um desses pressupostos essenciais do referencial histórico-cultural é, sem dúvida, a natureza semiótica da mente e da relação mediada por signos que o homem estabelece com o mundo – objetos e outros homens –, característica que distingue o ser humano dos animais. É sob esse prisma que se deve, portanto, entender a importância dos processos de *significação*, *sentido* e *significado*, compreendidos e discutidos de diferentes modos pelos vários textos que compõem este dossiê. De fato, se há algo comum a todos é justamente a preocupação mais ou menos explicitada com esses processos, que são tratados em estreita relação com os temas estudados. Assim é que Cecília Góes e Nazaré da Cruz (*Sentido, significado e conceito notas sobre as contribuições de Lev Vygotski*) discutem e relacionam as questões de sentido, significado e significação à formação de conceitos, através de uma cuidadosa análise dos capítulos 5, 6 e 7 do bem conhecido livro *Pensamento e Linguagem*; apontam também para a relação entre cognição e imaginação na infância e na adolescência que, na visão do pensador russo, são interdependentes. E, como o conhecimento do mundo não se deve apenas ao trabalho da razão, “Vygotski declara concordar com A.S. Pushkin, que dizia que a imaginação é tão necessária para a geometria como para a poesia”. E é justamente o imaginário / imaginação e o sentido estético que Angel Pino aborda em seu denso texto (*A produção imaginária e a formação do sentido estético*), valendo-se dos aportes de Vygotski, mas também de Marx e outros pensadores da área filosófica, como Bachelard e Castoriadis. Embora inter-relacionadas, essas duas noções – o sentido estético e o imaginário – são tratadas de forma separada, mas em ambas surgem questões referentes ao simbólico e à significação.

Angela Branco (*Crenças e práticas culturais: Co-construção e ontogênese de valores sociais*), assumindo, explicitamente, a centralidade dos processos de significação, baseia sua abordagem nos trabalhos de Bruner, Cole, Markova e Valsiner, entre outros; tenta superar a dicotomia *sentido* (individual) e *significado* (coletivamente

partilhado), entendendo significação e re-significação “como fluxo dinâmico, constituído mediante a comunicação humana”. A partir desse ponto, Branco analisa como tais processos ocorrem em relação a crenças e valores, trazendo rico material extraído de entrevistas de crianças, adolescentes e professoras de escolas públicas e privadas do Distrito Federal. Ana Smolka (*Experiência e discurso como lugares de memória: a escola e a produção de lugares comuns*) e David Middleton e Steven Brown (*A psicologia social da experiência – Tornando a memória significativa*) estudam o importante tema da memória e sua relação com a experiência, mas falam, entretanto, de maneira distinta dessa relação, bem como das questões de significação. Middleton e Brown, afastando-se de toda forma de reducionismo psicológico e sociológico, colocam a seguinte pergunta: se é bem verdade que o trabalho de lembrar está necessariamente imbricado com grupos e formas culturais e é por eles moldado, por que o ato de lembrar nos parece altamente pessoal? Discutem essa questão, orientados pelo trabalho de Bartlett que tenta capturar “a integração entre a mentalidade individual e a cultura, a interdependência entre cognição, afetos e símbolos culturais”. Decorre das análises de diferentes trabalhos entremeados de exemplos ilustrativos que a memória não é armazenagem de eventos e experiências, mas ancora-se e constitui-se necessariamente no que se torna significativo; nesse sentido, procuram mostrar também como o passado cria e recria o presente (e o futuro). Smolka, por sua vez, ao abordar a relação entre experiência e memória, enfatiza a importância das palavras e discute e problematiza como a memória, as práticas e as experiências se inscrevem nas palavras, na linguagem, no discurso. Traz a noção de *topos / topoi* — entendidos como *lugares de memória* para implementar essa discussão e assinala também o papel dos *lugares comuns* que constituem o discurso cotidiano e invadem a sala de aula. É baseando-se em Vygotski e Bakhtin “na raiz da experiência, o outro” (alteridade constitutiva da Bakhtin), “na raiz da experiência, o signo” que a autora focaliza não apenas a produção de sentidos em um discurso envolvendo professora e um aluno em sala de aula de 6ª série, como também os sentidos de um texto produzido por esse mesmo aluno. Destaca-se, nessa análise, o quanto a utilização das mesmas palavras e enunciados evocam sentidos diferentes, ilustrando de maneira clara as (não)-coincidências enunciativas- discursivas (cf. Jacqueline Authier).

Kohl, Rego e Aquino (*Desenvolvimento psicológico e constituição de subjetividades: ciclos de vida, narrativas autobiográficas e tensões da contemporaneidade*) também discutem a memória, estudada através de narrativas, e em particular a de uma mulher nomeada “Antonia”. Ao explorar as narrativas autobiográficas, procuram, de forma semelhante à discutida por Middleton e Brown, entender a relação entre o desenvolvimento psicológico e as práticas culturais e situam essa questão no âmbito das sociedades contemporâneas em que as identidades/subjetividades são marcadas e “atravessadas pelos processos de fragmentação, descontinuidade e

provisoriedade”. Como resultado da discussão assim orientada, colocam em questão a forma linear de entender habitualmente o desenvolvimento humano no âmbito da Psicologia, em que não se leva em conta que os processos de desenvolvimento comportam não só os acontecimentos (experiências?), mas também os modos de significação desses acontecimentos.

Outro aspecto digno de nota é que a maior parte dos textos trata de problemas relativos à educação, à instrução e à transmissão, seja a partir da discussão de dados empíricos coletados na escola (Smolka, Branco), seja em resposta a questões sobre a aprendizagem e desenvolvimento (Clot), ou ainda para apontar direções para o aprofundamento de problemas relativos às práticas educacionais (Góes e Cruz; Pino); tal fato não é surpreendente, se considerarmos que uma característica dessa perspectiva, como bem demonstra a obra de Vygotski, é articular elaborações teóricas a situações concretas, formulando questões e apontando caminhos para entender as práticas sociais, em particular, as educativas.

Para finalizarmos, é importante também lembrar que, ainda que os textos sejam elaborados por pesquisadores que atuam na área da Psicologia – ou que têm com esse campo uma relação privilegiada – o viés pelo qual são tratadas as várias questões é marcadamente interdisciplinar e interfacetado.

O leitor atento não deixará de notar a polissemia dos termos empregados e a polifonia dos enunciados. Por essa razão, não se encontrará necessariamente um acordo ou coincidência nas propostas e na discussão dos diferentes temas, razão pela qual convida-se o leitor a priorizar uma leitura “bachtiniana”, à escuta das diferentes vozes presentes nos textos.

Referência bibliográfica

CARRETERO, M.; MADRUGA, J. Principales contribuciones de Vygotsky y la psicología evolutiva soviética. In: MARCHESI, A.; CARRETERO, M.; PALÁCIOS, J. *Psicología Evolutiva*. Madrid: Alianza Editorial, v. 1, 1983, p. 155-175.